

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

## O sentido de subjacente na *Física* de Aristóteles

Francisco de Moraes  
UFRRJ

---

RESUMO: No presente artigo nos propomos a apresentar a singularidade da compreensão aristotélica e grega de Natureza a partir da noção de subjacente (*hypokeiménon*), tal como esta é elaborada na Física de Aristóteles, a saber: como um dos princípios dos chamados entes naturais. Natureza, então, aparece como algo perfeitamente distinto do modo segundo o qual nós a entendemos usualmente hoje, à medida que esta se nos afigura como uma espécie de fundo de reserva disponível.

PALAVRAS CHAVE: Natureza, Aristóteles, substância

ABSTRACT: In this article we propose to present the uniqueness of Aristotle and Greek understanding of Nature through the underlying notion (*hypokeiménon*) such as this is elaborated in Aristotle's physics, namely as one of the principles of so-called natural beings. Nature, then, appears as something quite different from the way in which we usually understand it today, as this seems to us as a kind of available reserve fund.

KEYWORDS: Nature, Aristotle, substance

---

*“Pois a natureza é sempre um certo subjacente ou reside em um subjacente.”*

*(Física, I, 192 b 32-34)*

### Introdução

Vivemos hoje a perplexidade de uma situação imprevisível: por muito tempo reconhecemos a nós mesmos e a nossa própria humanidade nos marcos de um projeto histórico que pretendia fazer do homem, assumido como sujeito, “mestre e senhor da

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

natureza”; agora, cada vez mais claramente, testemunhamos, cheios de surpresa e admiração, a própria natureza nos colocando em questão em nossas pretensões de controle e de poder. O controle revela a sua outra face: uma face perturbadora de descontrole. No meio de todo o aparato técnico e científico, criado para nos proporcionar a sensação de segurança em meio ao ente, surge uma crescente sensação de desamparo. Não sabemos mais exatamente onde buscar apoio e sustentação. Cheios de neuroses oriundas das relações interpessoais tecnificadas e do trabalho planejado e sem espírito, vemo-nos expostos ao risco crescente de esgotamento dos assim chamados recursos naturais. Até mesmo o esforço desesperado de preservação da natureza acaba preso nas malhas do mesmo projeto planejador dominante, pois não cessa de fazer apelo ao homem como garantidor do suposto equilíbrio natural. A simples ideia de um uso consciente das reservas naturais denuncia que nossa compreensão de fundo do que seja natureza permanece intocada. De fato, continuamos enxergando a natureza como uma espécie de fundo disponível e como reserva de energia renovável. Vista previamente como fundo disponível e reserva de energia, a natureza impele o homem, de maneira insistente e imperceptível, no sentido de um esforço desmedido de disponibilização, tanto da natureza que ele mesmo é quanto da natureza que ele mesmo não é. Posicionado como sujeito, o homem histórico desenvolve uma relação amedrontada e fantasmagórica com a natureza. Já não aceitamos com naturalidade nada que seja natural. Queremos ser os senhores da saúde e da doença, da vida e da morte, e acabamos vivendo sem apreciar a saúde e sem dignificar a própria vida.

Todo esse preâmbulo pretende apenas indicar o seguinte: temos pouca ou nenhuma condição efetiva para percebermos a natureza de maneira mais livre ou pura e simplesmente para percebê-la de outra maneira. Mas com isso também ficamos reduzidos à nossa liberdade subjetiva, sem que possamos experimentá-la fora da prerrogativa do poder e do controle. Em suma: o assujeitamento da natureza nos condena a uma liberdade meramente subjetiva. Sequer temos margem para acessar aquilo que os gregos, nos primórdios do pensamento filosófico, entendiam e experimentavam como PHÝSIS, a não ser como uma espécie de ingenuidade pré-científica. A simples ideia de que algo possa surgir e nesse surgimento mesmo dar a conhecer aquilo que ele é não nos parece plausível. Tampouco admitimos a possibilidade de que o próprio surgimento possua algo de insondável. Queremos que todo aparecimento seja redutível a uma reconstrução capaz de ser verificada e repetida quantas vezes quisermos. Nem nos passa pela cabeça que os fenômenos tenham já o seu modo próprio

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

de aparecimento, o qual exige ser considerado de antemão, sem o que eles só se mostrariam de maneira desfigurada. É que respeitar o modo como alguma coisa aparece a partir de si mesma já exigiria de nós uma disponibilidade insólita, uma disponibilidade para algo que não podemos, em tempo algum, colocar sob controle. Portanto, a experiência de que o surgimento como tal não se deixa acessar fora de seu velamento característico, de que o velamento mesmo resguarda as possibilidades do surgimento em sua plenitude, não pode ser compreendida a não ser como uma espécie de tibieza frente às infinitas possibilidades do conhecimento humano.

Esta me parece ser a situação em que nos encontramos hoje. Só conseguimos enxergar a natureza ao modo de uma imensa reserva de energia. Os enigmas da natureza são hoje apenas os enigmas do conhecimento da natureza. No entanto, ali mesmo onde se ousou, pela primeira vez, estabelecer um conhecimento científico da natureza, na *Física* de Aristóteles, manifesta-se um ponto de contato surpreendente com o nosso atual conceito de natureza, assim como a possibilidade de a enxergarmos de maneira mais livre. É que também para Aristóteles a natureza deixa-se conceber como uma espécie de fundo disponível (*hypokeiménon*)<sup>1</sup>. Não haveria natureza se o ente natural não fosse já um subjacente capaz de receber os processos de mudança, de geração e de corrupção. Esse subjacente se identifica com aquilo que o filósofo chama de matéria (*hyle*), correspondendo a uma das quatro causas elencadas por ele no livro I de sua *Metafísica* e no livro II da *Física*. Acontece, porém, que há uma distância considerável entre o que Aristóteles entende por matéria ou subjacente e aquilo que nós hoje concebemos como tal. Para começar, a matéria ou o subjacente em Aristóteles só se deixa conhecer, como tal, por analogia.<sup>2</sup> Jamais encontramos a matéria como algo dado em si e por si e que pudesse ser disposto nos moldes de alguma espécie de controle. A matéria ou o subjacente sempre se mostra apenas em função da forma. Trata-se de um tipo de disponibilidade para a forma, mas que também inclui uma resistência ou recusa a ser contida ou absorvida por ela. A matéria como subjacente se oferece e se recusa ao mesmo tempo; ela aceita e, ao mesmo tempo, não aceita reduzir-se à forma e ao ser determinado. É nesta tensão, propriamente, que natureza deixa-se conhecer enquanto tal, mostrando-se irreduzível a um

---

<sup>1</sup> Compartilhamos aqui o entendimento de W. Wieland, segundo o qual a *Física* de Aristóteles deve ser entendida a partir de si mesma, e não com base na *Metafísica*. Desse modo, o próprio conceito de subjacente, tal como este emerge em passagens capitais da *Física*, deve possuir um caráter privilegiado em relação ao que será dito dele no contexto da *Metafísica*. Cf. WIELAND, W. *Die aristotelische Physik*. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1992, p. 13.

<sup>2</sup> *Física*, I, 7, 191 a 7.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

simples fundo disponível de reserva de energia. Nossa aposta é a de que o sentido de subjacente em Aristóteles, nomeadamente em sua *Física*, representa uma via de acesso privilegiada para a compreensão do conceito ou experiência grega de natureza, contrastando, de maneira acentuada, com a maneira como nós hoje concebemos natureza, a despeito de toda semelhança aparente<sup>3</sup>. É que, ao contrário de um algo simplesmente dado, pronto para ser disponibilizado conforme nossos propósitos e decisões subjetivas, o subjacente em Aristóteles possui muito mais o caráter de possível e de possibilidade, inassimilável por qualquer tipo de atualização que não seja a sua própria. Isso é o que pretendemos mostrar a partir de agora, mediante o comentário de três momentos fundamentais em que o conceito de subjacente faz sua aparição na *Física* de Aristóteles. São eles: 1. A tomada de posição de Aristóteles frente a Parmênides (livro I, cap. 3), 2. A determinação dos princípios dos entes naturais: subjacente, forma e privação (livro I, cap. 7) e 3. A compreensão de natureza enquanto forma (livro II, cap. 1).

## 2. O sentido de subjacente na *Física* aristotélica

Aristóteles é levado ao conceito de subjacente (*hypokeiménon*) graças a uma guinada em relação a Platão. Este último havia distinguido positivamente Parmênides em contraposição àqueles que advogaram, antes dele, o vir a ser de todas as coisas<sup>4</sup>. Para Aristóteles, entretanto, Parmênides se equivoca radicalmente ao postular que o ser se diz de modo simples. É nesse contexto da refutação de Parmênides que o conceito de subjacente faz sua aparição primeira e decisiva na *Física* de Aristóteles. Para poder refutar a compreensão da unicidade do ser, entendida por Parmênides nos moldes de uma perfeita continuidade<sup>5</sup>, Aristóteles afirmará que sempre se verifica uma diferença fundamental entre o ser que pode ser dito no sentido das categorias e aquilo de que este ou aquele sentido de ser pode ser dito. Haveria sempre um algo pré-jacente que significa seja a substância seja qualquer uma das demais categorias. O passo da refutação onde isto fica claro é o seguinte:

...se fossem assumidos apenas os brancos, e se o branco significasse algo único, não menos seriam muitos os brancos, e não um só, pois o branco não seria um nem por continuidade nem por definição, pois seriam distintos o *ser para branco* e o *ser para o receptáculo*. Nem precisaria haver nenhum outro item separado à parte do branco, pois

<sup>3</sup> Na verdade estamos longe de tomar tal semelhança aparente como uma simples casualidade.

<sup>4</sup> *Teeteto*, 152 e.

<sup>5</sup> Cf. Fragmento 4 do Poema de Parmênides.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

o branco e aquilo a que ele se atribui seriam distintos não por serem separáveis, mas *pelo ser*. Mas isso Parmênides ainda não tinha percebido.<sup>6</sup>

Quer dizer, uma coisa é ser no sentido de ser capaz de receber uma determinação qualquer e outra coisa é ser no sentido da própria determinação em si mesma. Não haveria ser de nenhuma espécie se o mesmo não pudesse ser atribuído como determinação de um ente previamente presente. Todo ser já é sempre o ser de certo ente. De fato, supondo que o ente signifique apenas “aquilo que precisamente o ente é”, então “aquilo que o ente precisamente é” não poderia ser atribuído a nada mais, pois não seria possível que ele fosse *certo ente*, sob a hipótese de que o ente não significa muitos, de tal modo que cada coisa seja algum ente.”<sup>7</sup> Este é o mesmo teor da crítica feita por Aristóteles à teoria das formas, tal como esta havia sido formulada por Platão, à certa da altura do livro I de sua *Metafísica*. Lá está em questão a tese de que os seres sensíveis só teriam ser por participarem ou imitarem as ideias. Em contrapartida, Aristóteles se pergunta: “sendo assim, que é o que atua mirando as ideias?”<sup>8</sup> Tal como na crítica a Parmênides, trata-se de destacar a presença necessária de um subjacente, sem a qual sequer seria possível falar em participação.<sup>9</sup>

O que significa aqui ser como subjacente? Facilmente percebemos uma clara afinidade entre ser como subjacente e ser como potência ou possibilidade (*dynamis*). Nada que é ou vem a ser poderia ser ente se já não fosse, previamente, certa possibilidade de ser. Não caberia, porém, identificar essa possibilidade de ser com o absoluto não-ser. Fazer isso equivaleria a hipostasiar o próprio ser, obrigando tudo que não é atualmente a converter-se em um puro nada. Desse modo, como o próprio Aristóteles assinala no livro IX da *Metafísica*<sup>10</sup>, desta vez em polémica com os megáricos, jamais poderíamos admitir alguém possuindo certo saber a não ser no momento exato em que o está exercendo. Só que todos concordamos que as coisas não se passam desse modo. Há certamente a presença de um *ser capaz de*, o qual deixa

---

<sup>6</sup> *Física*, I, 3, 186 a 27. Utilizaremos a tradução comentada de Lucas Angioni dos livros I e II da *Física* de Aristóteles.

<sup>7</sup> *Ibid.*, 186 b 1.

<sup>8</sup> *Ti gár esti tò ergazómenon pròs tàs idéas apobléton?* Met. I, 9, 991 a 22.

<sup>9</sup> “É afirmar que as espécies são paradigmas e que participam delas as demais coisas são palavras vazias e metáforas poéticas.” *Ibid.*, I, 9, 991 a 21. Em uma importante passagem de seu livro *La Physique d’Aristote: L’avènement de la science Physique* (1997), Lambros Coulobaritsis chega a destacar que “concede-se talvez maior amplitude à originalidade do pensamento aristotélico quando se compreende que ele não é certamente o pensamento que descobriu o *eidos*, nem talvez aquele que inventou a *hyle*, mas que ele é, sem sombra de dúvida, aquele que criou o *hypokeiménon*.” (p. 214) Nesse sentido, não compreenderíamos a especificidade da noção aristotélica de matéria se não notássemos que ela é essencialmente, para o estagirita, “o *substrato próximo* (*hypokeiménon próton*) de alguma coisa, a partir do qual vem a ser algo que lhe pertence de uma forma imanente e não accidental.” *Física*, 9, 192 a 31-32)

<sup>10</sup> *Ibid.*, IX, 3, 1046 b 29.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

reconhecer-se perfeitamente, mesmo quando não se está no exercício atual de um saber. Da mesma forma, o vir a ser seria banido do horizonte do ser caso não admitíssemos a consistência daquilo que não é senão como possibilidade. Mas tudo quanto tem a possibilidade de ser possui também a possibilidade de não ser. Tal possibilidade, portanto, não pode ser assegurada de forma alguma ao modo de uma pura disponibilidade para ser. É assim que a semente está na condição ou possibilidade de tornar-se planta e o homem ainda ignorante está na condição ou possibilidade de aprender. Porém, que a semente germine ou que o homem aprenda efetivamente é o que já não se pode garantir...No entanto, qual seria a maravilha do germinar propriamente dito ou do aprender enquanto tal se tais coisas pudessem estar garantidas de antemão? Haveria então um autêntico germinar e um autêntico aprender?

O segundo momento que gostaríamos de acompanhar diz respeito, como anunciamos acima, à determinação dos princípios fundamentais do ente natural. São eles a forma, o subjacente e a privação (*stéresis*). O que então se revela como subjacente não é simplesmente o que não muda e permanece idêntico a si em toda mudança verificável. Fosse este o caso e não poderíamos dizer que é o ente mesmo, na condição de subjacente, que muda, mas apenas que junto a ele verificamos mudanças e alterações. O fato de supormos que é o próprio ente, na condição de subjacente, que muda<sup>11</sup>, já nos deve conduzir à seguinte situação: 1. O subjacente comportaria, em si mesmo, possibilidades contrárias de ser; 2. O subjacente é, em princípio, certo gênero que comporta determinadas contrariedades, e não outras. Ou seja, o fato de pertencerem a certo ente, enquanto subjacente, certas contrariedades e não outras, é o que, em primeira mão, faz aparecer um ente assim mesmo como ele é a partir de si mesmo. O homem não é este ente determinado pelo fato de verificarmos nele determinadas propriedades e não outras, mas antes pelo fato de se manifestarem nele determinadas contrariedades e não outras. Nesse sentido, não seria correto dizer que o animal, qualquer um, é privado da possibilidade de falar, uma vez que esta não é uma possibilidade de ser que o revele assim mesmo como ele é. Somente o homem poderia ser ou estar propriamente privado desta possibilidade, pelo fato de que ele somente está como tal e por si mesmo nessa destinação de ser. Tampouco um animal poderia ser dito “por natureza” escravo; apenas o homem estaria nessa possibilidade. Por isso, Aristóteles pode dizer que “mesmo as substâncias provêm de

---

<sup>11</sup> Estamos nos referindo ao ente que é por natureza. Como assinala Aristóteles, no início do livro II da Física, o ente que é por *tékhnē* ou por arte não se encontra por si mesmo em movimento ou repouso, mas apenas se encontra assim graças ao material de que é feito.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

algo subjacente.”<sup>12</sup> É que antes de ser algo que possa ser definido deste ou daquele modo, o ente já comparece, primeiramente, a partir de si mesmo, através de determinadas contrariedades<sup>13</sup>. Eis algumas passagens em que se pode ler esse sentido de subjacente acima caracterizado:

Distinguidos esses pontos, é possível apreender, para absolutamente todas as coisas que vêm a ser, o seguinte (se alguém as encarar tal como afirmamos): é preciso, sempre, que algo esteja subjacente àquilo que vem a ser, e que aquilo [sc. que subjaz], mesmo se for um em número, não seja um pela forma (por “pela forma” quero dizer o mesmo que “pela definição”); de fato, não são idênticos o *ser para homem* e o *ser para inculto*. Um deles subsiste, mas o outro não subsiste: o que não é oposto subsiste (de fato, o homem subsiste), mas o não-culto ou inculto não subsiste, nem subsiste o conjunto de ambos, isto é, o homem inculto.<sup>14</sup>

De fato, sempre há algo que subjaz, de que provém aquilo que surge, tal como os animais e plantas provém da semente. As coisas que vêm a ser sem mais vêm a ser umas por refiguração, como a estátua; outras por adição, como as que crescem; outras por subtração, como o Hermes provém da pedra; outras por composição, como uma casa; outras por alteração, como as que se pervertem pela matéria. É manifesto que todas as coisas que vêm a ser dessa maneira provém de algo subjacente. Por conseguinte, pelo que foi dito, é evidente que tudo que vem a ser, sem exceção, é sempre composto, e que há, de um lado, algo que surge e, de outro, algo que vem a ser isso, de dois modos: o subjacente, ou o oposto. Quero dizer que o inculto é oposto, mas o homem está subjacente, assim como chamo “oposto” a desorganização, a ausência de forma e a desordem, e de “subjacente” chamo o bronze, a pedra e o ouro.<sup>15</sup>

É decisivo notar, a partir das passagens selecionadas, que o próprio subjacente só comparece como tal em virtude da mudança de um contrário para o outro. Por isso, é perfeitamente justo afirmar, como o faz Couloubaritsis, que a perspectiva do devir retira do

---

<sup>12</sup> *Física*, I, 7, 190 b 1.

<sup>13</sup> O que chama a atenção na maneira segundo a qual a mudança é compreendida em Aristóteles, especialmente se levarmos em conta o estabelecimento dos princípios que regem o devir, é a abertura de um plano inteiramente novo, que nos constrange a olhar para a realidade habitual sob a égide de uma negatividade geradora. Olhando para a madeira que vai se tornando mesa, o que esse plano do devir nos força a reconhecer é menos a madeira em si mesma, como forma específica, e mais a viabilidade ou encaminhamento para a mesa propriamente dita: a ausência de mesa, sua privação. O que a um olhar constatador, olhar esse que se fixa da forma já dada, não cessa nunca de aparecer como madeira, ao olhar clarividente e interessado do carpinteiro e/ou marceneiro já se revela como mesa por fazer ou percurso de mesa, sendo cada vez menos e somente de modo secundário “madeira”. A madeira, enquanto forma específica, precisa desfazer-se enquanto tal, desrealizar-se, para que surja, a partir dela, uma mesa. Do contrário, a mesa ela mesma seria apenas rearranjo de madeira, e não um ente específico, que já não tolera ser chamado de madeira, nem mesmo de madeira beneficiada. Tudo se passa como se para converter-se em matéria, a madeira tivesse de desaparecer enquanto tal, enquanto apenas e unicamente madeira, para tornar-se um “dois em um”. É por enxergar algo assim que o carpinteiro e/ou marceneiro pode produzir uma mesa, à medida que sabe que tal madeira é própria para este ou para aquele móvel ou função. É esse dois em um que constitui o subjacente enquanto princípio do vir a ser, sendo nele que se deve ler o sentido de *phúsis* trabalhado por Aristóteles, um sentido muito mais próximo de nós e de nossa experiência mais corriqueira, mas que está longe de se oferecer sem nenhuma surpresa.

<sup>14</sup> *Ibid.*, I, 7, 190 a 13-190 a 21. Tradução ligeiramente modificada.

<sup>15</sup> *Ibid.*, 190 b 2-17. Tradução ligeiramente modificada.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

subjacente primário seu caráter absoluto, o que era o caso nas Categorias, concedendo estatuto de princípio ao que vem a ser a partir da mudança. É a mudança ela mesma que, inclusive, faz aparecer (produz) o subjacente como irreduzível às contrariedades que ele mesmo comporta, tornando-o agora uma certa entidade (*ousía pōs*)<sup>16</sup>. Essa é a diferença que Aristóteles assinala entre unidade numérica e unidade pela forma. É o homem mesmo que deixa de ser inculto e se torna culto. Ser homem como simples, ser como subjacente, aparece primeiramente em virtude de este ente poder ser culto. Não estamos ainda falando do homem como ‘substância’ (*ousía*), como ente que pode ser definido naquilo que ele essencialmente é<sup>17</sup>, mas do homem enquanto subjacente, mostrando-se a partir de si mesmo como algo determinado, irreduzível àquela contrariedade, mas aparecendo ele mesmo graças a ela<sup>18</sup>.

Todo esse estado de coisas, entretanto, se amplia e complexifica quando Aristóteles afirma que mesmo o vir a ser das substâncias supõe a presença de um subjacente<sup>19</sup>. Afinal, o que poderia servir de subjacente para o próprio vir a ser da ‘substância’? Aristóteles exemplifica mencionando o caso dos animais e das plantas a provirem da semente. Neste caso, o vir a ser não supõe a presença de um subjacente diverso da própria substância. A árvore ou o animal não são *de semente* tal como a mesa ou a cadeira são de madeira, mas antes é a semente que é a semente de tal árvore ou de tal animal. Apesar disso, Aristóteles não hesita em comparar, na sequência da passagem acima citada, o vir a ser das substâncias naturais com o vir a ser de uma estátua ou de uma casa. É que também nesses casos, o surgir da casa ou da estátua parece absorver em si o que então vigorava apenas como possibilidade de casa ou de estátua, a saber: a matéria. De fato, quando olhamos para uma casa, e estou falando de uma que seja digna deste nome, não vemos um agregado de tijolos, vidro, madeira, etc. Também quando olhamos uma estátua o que vemos não é bronze, mas estátua. Temos de ver a semente aqui no exemplo citado tal como o escultor ou o mestre de obras veem o material de que será feita a casa e a estátua, ou seja, como algo que se faz presente como tal a

---

<sup>16</sup> “Naquilo que nos concerne, dizemos que a matéria e a privação são diferentes, e que uma é não ser por acidente, isto é, a matéria, e a outra um não ser por si, isto é, a privação; uma, a matéria, é próxima do ser e de uma certa forma entidade (*ousía pōs*), enquanto a outra, a privação, não é de forma alguma entidade.” *Física*, I, 9, 192 a 3-6.

<sup>17</sup> Para tanto, precisaríamos distinguir o traço essencial que somente torna possível um discurso circunstanciado e apropriado a seu respeito. Mas se esse traço essencial nos fosse dado antes da aparição do ente como subjacente, então já não teríamos nada a aprender propriamente com a sua presença. A realidade em seu movimento mesmo de aparição estaria, por princípio, despojada de todo poder revelador.

<sup>18</sup> Em *Categorias*, I, 5, Aristóteles compreende o subjacente como *ousía* primeira.

<sup>19</sup> “Por outro lado, para os que investigam, torna-se evidente que mesmo as substâncias, bem como tudo o que é simples, provêm de algo subjacente.” Cf. *Física* I, 7, 190 b 1.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

partir de uma tensão para a sua plenitude possível. A semente só é o que é como possibilidade de vir a ser determinada árvore. Ela não é como uma espécie de concentrado de árvore, assim como tijolos, vidro e madeira não são um concentrado de casa. Todavia, é na casa construída, servido de parede, porta e janela, que o tijolo, a madeira e o vidro se tornam mais plenamente aquilo que eles são. Ver, enxergar semente assim, significa ver e enxergar a semente como precisando vir a ser determinada possibilidade própria de ser. O subjacente, agora, mostra-se como a própria possibilidade da substância, de tal modo que nesta última sempre continua vigorando algo dessa origem.

A última passagem que gostaríamos de comentar é aquela em que Aristóteles marca a sua diferença em relação ao conjunto dos denominados por ele de *physiólogoi*. Em questão está uma disputa acerca do sentido mesmo de natureza e de subjacente ou, mais precisamente, sobre o modo de ser causa da chamada causa material, a qual Aristóteles considera ter sido visada, em primeiro lugar, pelos que filosofaram acerca da natureza. A passagem é a seguinte:

Alguns reputam que a natureza e a essência dos entes naturais seria aquilo que, desarranjado em si mesmo, está primeiramente inerente em cada um, por exemplo, de uma cama, seria natureza a madeira e, de uma estátua, o bronze (como sinal disso Antifonte afirma que, se alguém enterrasse uma cama e se a podridão adquirisse poder de brotar, não surgiria cama, mas madeira, como se estivessem presentes por concomitância a técnica e a disposição conforme à regra, e, por outro lado, a essência fosse aquela que de fato permanece continuamente a suportar tais modificações). Se, por sua vez, cada um desses elementos também se encontra nessa mesma situação em relação a algo diverso – por exemplo: o bronze e o ouro em relação à água, os ossos e a lenha em relação à terra, semelhantemente qualquer outra coisa –, julgam que este último é natureza e a essência daqueles. Por isso, alguns afirmaram que a natureza dos entes é fogo, outros, que é terra, outros, que é ar, outros, que é água, outros, algum desses elementos e outros, enfim, todos eles. Aquilo que cada um deles julga ser de tal tipo (seja um só, seja mais de um), eis o que afirma ser (em tal quantidade) a essência inteira, ao passo que todas as demais coisas seriam modificações, propriedades ou disposições daquilo; e afirmam que cada um desses elementos seria eterno (pois afirmam não haver para eles possibilidade de mudança por eles mesmos), ao passo que as demais coisas viriam a ser e se corromperiam ilimitadas vezes.<sup>20</sup>

A passagem citada coloca em questão e explicita aquela que, em síntese, seria a concepção que os chamados pré-socráticos teriam da natureza. Não pretendemos julgar se tal síntese efetuada por Aristóteles, a partir de uma citação de Antifonte, seria justa ou injusta, correta ou incorreta, fidedigna ou distorcida. Admitamos de bom grado que ela seja uma distorção, como de resto soem ser todas as sínteses. No entanto, será graças a essa distorção

---

<sup>20</sup> *Física*, II, 1, 193 a 9-28.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

ou simplificação que Aristóteles poderá problematizar o sentido mesmo de subjacente, na medida em que este último pretende dar conta do que seja a natureza em si mesma. Aristóteles não nega e nem pode negar que a natureza se evidencie como subjacente. Nesse sentido, há uma verdadeira retomada da Física jônica por Aristóteles, a qual havia sido, justamente, posta em crise e abandonada, a partir de Parmênides, pela Física da mistura. Trata-se antes, porém, de questionar o entendimento de subjacente como algo que já está imanente em toda e qualquer forma ou configuração, a ponto de tornar tais formas e configurações propriamente inessenciais. Curiosamente, a concepção de natureza apresentada na passagem acima se aproxima muito de nossa atual concepção da mesma como reserva de energia. Todos os entes consistiriam, em última instância, de uma única matéria prima fundamental, que seria a essência universal de todos eles. A matéria equivaleria assim, como subjacente, a algo previamente já constituído, presente, desde sempre, em tudo aquilo que chega a se constituir, como se fosse uma espécie de concentrado de todas as coisas. Todas as determinações seriam como tais aleatórias em relação àquilo que jaz no fundo de maneira perfeitamente indeterminada.

Aristóteles, porém, não pode aceitar esse entendimento de subjacente e de natureza como princípio e causa. É que dessa forma nenhum ente poderia aparecer, a partir de si mesmo, assim como ele é. Para serem, os entes que são tais entes precisariam começar por não serem o que são. A matéria primeira de que se constituiriam todas as coisas não deixaria nenhum ente ser aquilo que ele, por si mesmo, é. Em suma, falta a essa matéria primeira o caráter de possível e de possibilidade. Paradoxalmente, a possibilidade só é de verdade possível à medida que já se destina, a partir de si mesma, para o seu próprio ser determinado. O subjacente, como ser possível e matéria, só é o que é por já se encontrar numa tensão direcionada à forma e à determinação essencial. É isso o que Aristóteles tem em vista quando afirma que natureza é forma. Com isso, não nos parece que ele queira dizer que todo ser se reduz, em última análise, à perfeita atualidade da forma. O que ele quer dizer, nos parece, é antes o seguinte: todo ser natural como subjacente nada é em si mesmo a não ser certa destinação para cumprir e vir a ser a sua própria forma essencial. Porém, o que se verifica em primeiro lugar não é a forma enquanto atualidade dada, condicionando a si a matéria como algo perfeitamente indeterminado, mas a forma em sua própria dinâmica de formação, a qual precisa incluir em si tanto a possibilidade de ser quanto a possibilidade de não ser. As possibilidades de plenitude são sempre maiores do que toda e qualquer plenitude alcançada, e

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

isso porque ao próprio subjacente pertence também e inseparavelmente a possibilidade de não ser aquilo a que se destina ser. É por isso que um cego pode descobrir seu modo característico de ser na e a partir da visão, impedindo-nos de vê-lo como alguém que está simplesmente desprovido da faculdade de ver.

## Conclusão

Começamos esse texto apontando para certa impossibilidade de experimentarmos a natureza de outra maneira que não seja como um tipo de reserva de energia disponível. Em virtude dessa maneira de conceber a natureza, o homem seria reduzido a uma forma de liberdade meramente subjetiva, baseada na prerrogativa de um controle total sobre o conjunto dos fenômenos naturais, o qual se estende cada vez mais na direção dos fenômenos históricos, sociais e psicológicos. O que se verifica então é que, estranhamente, o homem de hoje é mais vítima dessa necessidade de controle e asseguramento, do que seu autor efetivo. Já não conseguimos viver simplesmente fora dessa compulsão por controle e por poder. No entanto, se formos capazes de reconhecer a natureza de outra forma, que não seja já como fundo de reserva disponível, talvez se abra para nós a possibilidade histórica de sermos livres de maneira mais pura e originária. Essa possibilidade de sermos livres residiria, aqui, na ousadia de reconhecer que as próprias coisas já possuem a sua própria liberdade de ser. A natureza não seria mais compreendida como o reino da necessidade, mas como o reino da liberdade. Essa é a estranha condição da liberdade humana: só poder ser livre deixando as coisas serem livres para aquilo que elas são<sup>21</sup>. Isso não significa, evidentemente, renunciar ao poder de intervenção e de transformação do real característico do homem. Não se trata de preferir ao agir o não agir, à atividade a passividade. Trata-se antes de retirar a medida adequada e o limite característico da ação daquilo que se mostra a partir de si mesmo como possibilidade determinada e como destinação própria de ser. É isso que podemos entender como o sentido de subjacente que vem à tona na *Física* Aristóteles.

---

<sup>21</sup> “O fato de que o mundo se torne acessível *em sua totalidade* e o fato de que a liberdade se funde somente *sobre si mesma* estão, pois, indissolivelmente vinculados.” BRAGUE, R. *Introdução ao mundo grego: Estudos de história da filosofia*, p. 57.

Moraes, Francisco de  
O sentido de subjacente na Física de Aristóteles

### Referências Bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Physics*. Trad. Wicksteed, P.M. London: Loeb Classical Library, 2005.  
\_\_\_\_\_. *Física I e II*. Trad. Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.  
\_\_\_\_\_. *Metafísica*. Trad. Valentín Garcia Yebra. Madrid: Gredos, 1998.
- AUBENQUE, P. *Le problème de l'être chez Aristote: Essai sur la problématique aristotélicienne*. Paris: PUF-Quadrige, 2002.
- BEAUFRET, J. *Dialogue avec Heidegger: Philosophie grecque*. Paris: Les Editions de Minuit, 1987.
- BERTI, E. *Novos Estudos Aristotélicos II: Física, antropologia e metafísica*. Trad. Silvana Cobucci Leite, Cecília Camargo Bartalotti e Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Loyola, 2011.
- BRAGUE, R. *Introdução ao mundo grego: Estudos de história da filosofia*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2007.  
\_\_\_\_\_. *Aristote et la question du monde*. Paris: Les Éditions du Cerf, 2009.
- COULOUBARITSIS, L. *La Physique d'Aristote: L'avènement de la Science Physique*. Bruxelles: Ousia, 1997.
- HEIDEGGER, M. *Metafísica de Aristóteles IX 1-3: Sobre a essência e a realidade da força*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.  
\_\_\_\_\_. *Marcas do caminho*. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- WIELAND, W. *Die aristotelische Physik*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1992.

[Recebido em junho de 2015; aceito em julho de 2015.]